

+CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
Filmes da Escola – sessão “Juntar Forças”
21 de Julho de 2023

ENSAIO / 2018

Realização: Mariana Santana *Argumento:* Daniela Manaças *Direcção de Produção:* Benedita Matalonga
Direcção de Fotografia: Nuno do Lago *Direcção de Som e Misturas:* Carolina Caramujo *Montagem:*
Mateus Ribeiro Gomes.

Produção: ESTC-Escola Superior de Teatro e Cinema (Portugal, 2018) - Um filme dos alunos do 2º ano da Licenciatura em cinema *Cópia:* ficheiro, cor *Duração:* 15 minutos *Primeira apresentação pública:* 24 de outubro de 2018, 16º Doclisboa, “Verdes Anos” *Primeira exibição na Cinemateca.*

FÚRIA / 2013

Realização: Diogo Baldaia *Argumento:* Manuel Rocha da Silva e Diogo Baldaia *Direcção de Fotografia:*
Afonso Mota *Som:* Rafael Cardoso *Com:* André Santos, João Marcelo, Márcia Pinto, Paulo Seco, Ricardo
Alves *Montagem:* José Rito

Produção: ESTC – Escola Superior de Teatro e Cinema *Direcção de Produção:* Manuel Rocha da Silva
Cópia: ficheiro digital, cor, falado em português *Duração:* 19 minutos *Primeira apresentação pública:*
2013, 11º Doclisboa *Primeira exibição na Cinemateca:* 22 de Novembro de 2019 (“Caminhos do Cinema
Português”).

SALTO / 2023

Realização: Mariana Nunes *Argumento:* Joana Patrício *Direcção de Fotografia:* Miguel Rocha *Som:*
Francisco Lobo *Montagem:* Gabriela Dias *Com:* João Dias, Ana Vilela da Costa, Afonso Neves, Mónica
Baptista, Duarte Ramos, Pedro Ferreira.

Produção: ESTC – Escola Superior de Teatro e Cinema, Filme do 3º ano da licenciatura em cinema,
ficção *Direcção de Produção:* Sofia Correia *Cópia:* ficheiro digital, cor, falado em português *Duração:*
11 minutos / *Primeira apresentação pública:* 20 de Abril de 2023, Secção Novíssimos, 11º IndieLisboa
Primeira exibição na Cinemateca.

KILANDUKILU / 1998

Realização, Argumento, Montagem: Margarida Leitão *Imagem* (16 mm, cor): Marta Pessoa, Rita Palma,
Joana Amorim *Som:* João Afonso *Electricista:* Carlos Sequeira *Com:* Ballet Tradicional Kilandukilu, etc.

Produção: ESTC-Escola Superior de Teatro e Cinema (Portugal, 1998) *Direcção de produção:* Margarida
Leitão *Assistente de produção:* Vítor Israel *Genérico:* Marta Pessoa, Rita Palma, João Afonso *Cópia:* 16
mm, cor, 25 minutos *Inédito comercialmente, Primeira exibição na Cinemateca:* 10 de Abril de 1999
 (“Novo Documentário em Portugal”, com MULHERES DO BATUQUE, de Catarina Rodrigues).

VENCER A SOMBRA / 1996*

Realização, Argumento: Pedro Madeira, Paulo Ares *Fotografia* (16 mm, cor): Paulo Ares *Som:* Miguel
Marques (*direcção*), Emídio Buchinho (*efeitos especiais*) *Montagem, Assistência de realização,*
Anotação: Sandro Aguilar *Assistentes de imagem, câmara, som:* Rosário Oliveira, Miguel Sargento,
Carlos Sequeira, Pedro Cardeira, Mafalda Roma *Misturas de som:* Branko Neskov *Com, equipa de boxe*
do Lisboa Clube Rio de Janeiro: Joaquim Silveira (treinador), Manacas (adjunto), Carlos Rocha, Ricardo

Braun, João Queijas, Bartolomeu, Nuno Lagarto, Ribeiro António, Miguel, José Pina, José Pires, Paulo Seco, etc.

Produção: ESTC-Escola Superior de Teatro e Cinema (Portugal, 1996) *Direcção de produção*: Pedro Madeira Chefe de produção: Bruno Lourenço *Assistente de produção*: Carlos Ramos *Cópia*: 16 mm, cor, legendada em inglês, 25 minutos *Inédito comercialmente, Primeira exibição na Cinemateca*: 20 de Junho de 1996 (“Centenário das Primeiras Sessões de Cinema em Portugal”, com os filmes de alunos do Departamento de Cinema da ESTC MY WAY, UMA CASA A DOIS, MAR DE ROSAS, FORA DE JOGO, DESVIO, MARGENS). *No genérico, a data de produção é 1994/95.

Duração total da projecção: 95 minutos.

Com a presença de Diogo Baldaia, Pedro Madeira, Margarida Leitão

Nota

Os textos dedicados a *Kilandukilu* e *Vencer a Sombra* foram originalmente escritos no contexto de uma sessão de 2018, organizada em colaboração com o Festival Temps d’Images, juntamente com *Uma Cerveja no Inverno* (Catarina Ruivo, 1998) e *Duas Pessoas* (João Salaviza, 2004). A sessão teve por título “Curtas de Arquivo – Película”, remetendo para a natureza das obras como “filmes de escola” realizados em película por alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Os cinco filmes desta sessão foram realizados em períodos muito distintos, compreendendo o programa um arco temporal de cerca de trinta anos. Três décadas que reflectem transformações na Escola Superior de Teatro e Cinema, a que estão associados estes filmes, mas também no modo de fazer cinema, e em concreto, a substituição dos meios analógicos, pelos digitais. Datados respectivamente de 1996 e 1998, *Vencer a Sombra* e *Kilandukilu* foram ainda realizados em película de 16mm, tendo os restantes filmes sido rodados já em vídeo digital, com câmaras elas próprias muito diferentes, o que traduziu a profunda evolução tecnológica nos últimos anos.

Une-os a sua assumida componente documental – a única ficção será *Salto* – e o facto de versarem sobre um conjunto de actividades desportivas e performativas, sendo os três primeiros protagonizados por crianças. Em *Ensaio*, filme do segundo ano da Licenciatura em Cinema assinado por Mariana Santana, acompanha-se um grupo de miúdos que joga no Clube de Rugby São Miguel, em Alvalade. Inspirando-se nos protocolos do cinema directo, uma claquete introduz as primeiras perguntas colocadas em *off* aos jovens jogadores, que se apresentam antes de os vermos a treinar ou a competir. As imagens dos treinos são depois intercaladas pelos testemunhos de alguns desses miúdos, escolhidos entre os vários da equipa Sub10 do Clube, que relatam as suas experiências para a câmara. A par dos retratados em movimento, destacam-se os “planos fotográficos” do final, em que depois de um jogo aguerrido, os rapazes posam sérios para a câmara, antes do campo se voltar a esvaziar, rimando o azul do céu com o azul das cadeiras vazias. Documentário realizado com uma pequena câmara fotográfica, que versa sobre um universo que envolve bastante força física, mas também muito autocontrolo, trata-se de um “ensaio” que promete uma obra consistente

em que se intui uma atenção muito particular às formas, aos ritmos, à composição e ao tratamento do espaço, também visível no modo como aqui se filmam os silêncios e o vazio.

Em *Fúria*, Diogo Baldaia, que viria depois a realizar alguns filmes que se aproximam de várias formas desta sua obra realizada em contexto escolar, acompanha um rapaz de doze anos que competirá no Campeonato Nacional de Boxe. *Fúria* prolonga uma certa agressividade existente num desporto colectivo como o râguebi do filme anterior, deslocando-a aqui para o boxe. Num clube de boxe onde se sente a falta de recursos, um grupo de miúdos parece encontrar espaço para canalizar a sua energia e alguma “fúria”, que neste contexto terá tanto de violenta como de libertadora, como indicia o pequeno texto que acompanhou a estreia do filme. Também ele documental, este segundo filme da sessão contrasta com o primeiro pelas suas opções estilísticas e formais, mas também pelo meio social retratado. Aqui a câmara é muito móvel e livre, observando de perto os gestos dos jovens protagonistas. Do futebol passamos para o ringue de boxe, mas também para treinos na rua, onde encontramos rapazes e raparigas que parecem encontrar no boxe um escape e a disciplina necessária para perseguirem determinados objectivos num ambiente de clara camaradagem. Como bem refere Maria João Madeira mais à frente a propósito do filme *Vencer a Sombra*, este também é um filme que versa sobre um desporto com uma grande história no cinema português. E se pensamos em *Belarmino* a propósito do tema de *Fúria*, também nele pensámos a propósito da estrutura de *Ensaio*, nomeadamente pelo modo como intercala as entrevistas com as imagens dos treinos dos desportistas.

O jovem protagonista do filme seguinte, *Salto*, treina parkour com os amigos, assombrado por imagens vídeo que revê na televisão, em que existe uma personagem ausente que o apoia em *off* (o pai?). Curiosamente este filme e *Fúria* parecem revelar um efeito de espelho, pois ao vermos as primeiras imagens em vídeo do filme de Mariana Nunes pensamos no filme anterior e no espaço entre prédios filmado por Diogo Baldaia. *Salto* é a única ficção da sessão, mas apresenta um inegável fundo documental. Os protagonistas são novamente crianças (ou adolescentes) que encontram no desporto e na rua um escape para a sua existência. Testar os limites faz parte do processo de crescimento e é isso que faz Duarte, o jovem rapaz que tira dinheiro da mala da mãe, provoca a vizinhança, e testa os limites da gravidade ao saltar paredes, correr a céu aberto e voar sobre muros, até que cai. Com subtilidade, Mariana Nunes traça o desenho de uma teia de relações em que uma mãe se confronta com os desafios de criar um filho adolescente que parece atravessar um período difícil, sozinha.

Joana Ascensão

Kilandukilu significa “diversão” em kimbundu, língua angolana, como o genérico colorido e animado esclarece (“diversão” / “enjoy”), propondo por si mesmo uma pequena dança e letras e cores. Trata-se de um enérgico olhar documental sobre uma dança tradicional angolana também assim chamada, radicada na periferia de Lisboa e em cujo quotidiano, de

uma dura realidade sócio-económica, está inscrita a prática dessa forma de expressão que remete para a cultura africana de origem. O filme dedica-se à convivência da realidade dos dias e da expressão cultural popular, mostrando, como numa “folha” anterior escrevia Nuno Sena, “numa situação próxima da exclusão social e económica, concomitante da condição de grande parte dos imigrantes provenientes das ex-colónias africanas, os membros dos *Kilandukilu* fazem da música um meio activo de valorização da sua diferença e da sua origem. Margarida Leitão cruza imagens dos ensaios e actuações do grupo com depoimentos dos seus membros sobre um quotidiano difícil, marcado pela discriminação racial e pela vivência em bairros degradados. Nesse horizonte de reduzidas expectativas, a dança e a música são o sopro vital que permite continuar a alimentar o sonho. Como exemplarmente o demonstra a sequência final com um dos *Kilandukilu* sozinho no palco do Centro Cultural de Belém perante uma plateia vazia.”

Caso de um “filme extracurricular” produzido com apoios de entidades exteriores à ESTC (os créditos referem o Instituto Português de Cinema e a Fundação Calouste Gulbenkian), *Vencer a Sombra* concentra-se na equipa de boxe do Lisboa Clube Rio de Janeiro, no seu espaço, no seu ambiente sonoro, nos testemunhos de alguns dos seus protagonistas, em consonância com uma linhagem de “filmes de boxe”, para a qual não pode deixar de (nos) remeter. Há desde logo a fulgurância da obra com que Fernando Lopes se estreou na longa-metragem, num dos primeiros passos do Cinema Novo português – *Belarmino* (1964) e a figura nas cordas, literais e figuradas, de Belarmino Fragoço na visão de Fernando Lopes. Pelo menos desde *The Champ* de Chaplin (1915), *The Battling Butler* de Keaton (1926) ou *The Ring* de Hitchcock (1927), o boxe, os seus cenários e coreografia, prestam-se ao movimento cinematográfico e a uma dimensão “bigger than life” que é tanto a de *Belarmino* como a de *Raging Bull* de Scorsese (1980), das suas personagens em falha e em fúria. *Vencer a Sombra* compõe-se numa pulsão documental que se concentra nas possibilidades do espaço do clube – em que o filme maioritariamente se “cerra”, dele saindo para uma incursão nocturna no Johnny Guitar, num desvio do ringue para a pista de dança. E muito especialmente na energia desse espaço do Lisboa Clube Rio de Janeiro e do desporto aí praticado. À energia pugilista, responde o filme com uma energia sonora e visual, uma planificação que convoca a escala de planos, *raccords*, as cores. E a ideia da sombra. Da sinopse, que remete para Lisboa, 1994 e para Joaquim Silveira, o treinador ex-pugilista de 38 anos na colectividade popular do Bairro Alto: “sombra – termo técnico que, no treino dos pugilistas, significa enfrentar um adversário imaginário, fazendo esquivas e guardas, socando no vazio. Outra forma de sombra consiste em corrigir a postura frente ao próprio reflexo no espelho.”

Maria João Madeira